

ÉTICA, VIDA COTIDIANA E VIDA VIRTUAL EM MARCIA TIBURI

Por Vilma Luzia Dolinski¹

Marcia Tiburi ao escrever sobre a questão da ética e da vida cotidiana



demonstra como os conceitos de “banalidade do mal” e “vazio de pensamento”, desenvolvidos por Hannah Arendt, operam em nossa vida prática. A prática a que nos referimos é no sentido de práxis que diz respeito aos relacionamentos cotidianos em todas as esferas da vida humana.

A primeira parte da obra coloca a questão “Como nos tornamos quem somos?” A autora comenta a obra de Arendt “*Eichmann em Jerusalém*” na qual é elaborado o conceito de banalidade do mal e de vazio de pensamento. Segundo Tiburi “O mal banal não se refere à oposição à perversão, mas justamente ao mal perverso ao alcance de todos. É esse elemento ‘democrático’ do mal banal que está no cerne de seu conceito” (Tiburi, 2016 p 42). Por democrático Tiburi se refere ao cotidiano e às formas de se relacionar no dia-a-dia onde todas as pessoas se reconhecem como sendo não malignas, ou pessoas de bem. “O mal parece sempre perverso e grandioso” (Tiburi, 2016 p 40), como algo extraordinário. A tese da banalidade do mal demonstra como em nossa vida ordinária cotidiana

¹ Professora e coordenadora do setor de Filosofia do Colégio Estadual do paraná; Conselheira editorial da revista PAIDEIA.

podemos praticar o mal radical. Isso é chocante. “O efeito que se alcança é a autorreflexão crítica, que pode ser muito incômoda para quem nunca se 'autojulga'. Saber – ou mesmo duvidar – que o mal está ao nosso alcance nos mobiliza como seres de pensamento”. (Tiburi, 2016 p 42)

Tomar consciência de que partilhamos o mal em nosso dia-a-dia nos assuntos corriqueiros, em frases, palavras e atitudes que expressam desprezo, sátira ou qualquer outra “pequena” violência, mas que por considerarmos “pequenas maldades” não damos a devida importância, dizemos que não fazemos por mal e que são insignificantes comparadas com a ideia que temos de que o mal é algo monstruoso, grandioso, que não está em nós e que ocorre esporadicamente como evento extraordinário. Por isso o conceito de banalidade do mal foi e é tão impactante para o senso comum porque nos faz entender que ao ignorar as pequenas maldades cotidianas, torná-las banais e sem importância, estamos construindo uma sociedade violenta, autoritária, opressora e totalitária.

Nos adequamos a uma cultura do “levar vantagens” em tudo e obter lucro a qualquer custo o que nos faz viver sem pensar e assim entendemos o segundo conceito do “vazio de pensamento”. Vivemos em uma cultura de negligência, do consumo, da aversão pela teoria e busca de conhecimentos, da repetição de fórmulas prontas. “A maior parte de nossos atos está ligada a pensamentos não refletidos” (Tiburi, 2016 p 112), demonstra o vazio de pensamento que leva ao vazio da ação. “O vazio da ação é próprio do estado da vida cotidiana, ela mesma repetitiva e monótona”. (Tiburi, 2016 p. 113) Por sua vez o vazio da ação nos leva ao vazio de linguagem que é a “violência dos discursos e falas prontas”. (Tiburi, 2016 p 121) O cotidiano monótono e repetitivo não exige pensamento. Leva ao vazio da linguagem porque as falas também são prontas, é só repetir. Como nos alertou Arendt

o pensamento depende da sensibilidade, mas se não há necessidade de pensar também nossos sentidos não são mais solicitados.

Finalizando, Marcia Tiburi nos alerta que a forma de organização social do capitalismo tem por objetivo maior a obtenção de lucro, por isso tudo está subordinado ao econômico. A esfera pública foi engolida pela publicidade porque esta é a alma do negócio. A intimidade, tão necessária ao equilíbrio mental e emocional foi exposta ao público. As nossas relações pessoais, interpessoais e íntimas seguem sempre a lógica de mercado. Busca-se a satisfação imediata e tudo é motivo de exploração econômica. Vende-se inclusive o ideal de conforto e bem-estar sendo que um destes confortos é o de não fazer o esforço de pensar. Nos oferecem pensamentos prontos que norteiam nossas ações que são meras imitações. As palavras que pronunciamos não expressam o que somos ou sentimos não apenas porque são frases prontas que ouvimos e repetimos, mas porque não pensamos e por isso não sabemos o que sentimos. Como sair desse círculo vicioso? Como recuperar o outro? Outro modo de ser que não seja o vazio. Como estabelecer um relacionamento significativo com o outro que somos? Como viver a experiência se ser o que realmente sou na convivência com os outros. Diz Tiburi: A autonomia ética depende desse posicionamento que implica o estado de experiência. Isso só é possível enquanto a pessoa humana está ligada à linguagem, a qualquer linguagem, quando sabemos que toda experiência acontece na linguagem. Fora da linguagem, que nos permite pensar reflexivamente, encontramos a opressão e a humilhação que nos nega a nós mesmos. Daí que a violência seja, também ela, uma forma de linguagem (simbólica ou física) que, no entanto, destrói a chance de qualquer outra linguagem. A violência está ligada ao mal porque ela elimina toda chance de algo 'bom'". (Tiburi, 2016 p.74). Eis o caminho apontado por Tiburi, o resgate da linguagem.

Bibliografia

TIBURI, Marcia. Filosofia prática. 3ª ed. RJ: Record, 2016.